



POVO ALGARVIO

SEMANARIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Algumas considerações acerca do folclore algarvio

PELA pena do erudito escritor e jornalista Antero Nobre publicou o «Povo Algarvio» no seu número 1.495, de 17 do corrente, um oportuno artigo intitulado «O Folclore e o Turismo no Algarve».

por Fernandes Sotero

Se não podemos ter a veledade de «fazer nossas as suas palavras», como sõe dizer-se, por carência de «engenho e arte» para as reproduzir em prosa tão elegante e concisa, permitam-nos, ao menos, o seu ilustre autor que nos confessemos irmanados nos conceitos nela dispendidos por traduzirem verdades que se revestem de extrema acuidade, exacerbando-nos o desejo de nos pronunciarmos também sobre o mesmo assunto, patenteando, assim, a nossa irrefragável solidariedade com o articulista.

É porque o Folclore do nosso Algarve, condenado ao ostracismo por quem de direito no plano nacional deveria exercer acção orientadora junto das iniciativas locais — os ranchos folclóricos no caso vertente — que evidenciando o louvável intuito de perpetuar as danças e canções populares da nossa província, resvalam num exibicionismo de ballet, acabando por não ser nem uma, nem outra coisa.

Mas isto creio que se passa por todas as províncias de Portugal. Ainda há bem poucos dias assistimos à exibição de um famoso rancho folclórico, Continua na 2.ª página

Secretário da Aeronáutica

Na passada semana esteve nesta cidade, de visita a seus pais, o sr. General Francisco António das Chagas, ilustre Secretário da Aeronáutica e nosso prezado amigo e conterrâneo.

Carnaval em Moncarapacho

Hoje e terça-feira de Entrudo, realizam-se em Moncarapacho animadas batalhas de flores. Haverá também concursos de estudiantinas e de grupos folclóricos, aos quais serão atribuídos valiosos prémios.

Também ao melhor disfarce carnavalesco será concedido um prémio.

Os melhores carros que se incorporarem nos festejos serão classificados e os restantes que se apresentarem artisticamente ornamentados terão prémios de compensação.

Moncarapacho procura deste modo reatar a sua tradição e atrair à sua típica aldeia elevado número de turistas.

O produto dos festejos carnavalescos reverterá em benefício da Santa Casa da Misericórdia local.

A proposta de alterações à Lei Orgânica do Ultramar

PARA a frente! É o termo apropriado e que mais e melhor traduz o avanço que as alterações agora propostas pelo Governo representam na organização e administração das terras ultramarinas.

Acaba de ser enviada à Assembleia Nacional a proposta de Revisão da Lei Orgânica do Ultramar Português.

Novo chefe da Secretaria da Câmara de Tavira

Foi nomeado chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Tavira, o sr. Heitor Francisco Abreu da Costa, que se encontrava exercendo o cargo de 2.º oficial da Câmara do Funchal.

Câmara informa!

NOTAS sobre seguimento do processo relativo à desafectação do D. P. M., a favor da Câmara Municipal de Tavira, de uma parcela de terreno de Tavira.

Na sua posição actual o processo em causa está instruído com pareceres favoráveis das autoridades marítimas (Capitania do Porto de Tavira), portuárias (Junta Autónoma dos Portos de Sotaventado do Algarve), e aduaneiras (Direcção-Geral das Alfandegas), embora com certos condicionamentos.

Também já emitiram pareceres favoráveis sobre a pretensão da Câmara Municipal as Direcções Gerais dos Serviços de Urbanização e dos Serviços Hidráulicos.

Para seguimento do processo à Direcção-Geral da Marinha, para efeitos de parecer da Comissão do

Continua na 3.ª página

TROVA

Magra, magra como um cão,
Mas rica, rica a valer,
É uma tábuca de tender
— Tábuca de salvação.

Isidoro Pires



Entardecer em Tavira

pelo Tenente Médico Alvaro Bastos de Araújo
dedicado a Tavira e enviado do Ultramar pelo Autor

Tomba serenamente, o manto imenso
Da noite quente, quase tropical.
O rio é liso espelho de cristal
E a bruma, além na serra, é um fino lenço!...

A brisa toca leve os teus telhados
E o sol repete o beijo, eternamente,
Beijando do horizonte, ao sol poente,
A terra verde. Oh! doidos namorados!

O níveo manto que é o teu tesouro,
Mais branco ainda que, o próprio luar,
Suspira a lenda do lendário mouro.

Ao longe, o mar, na Ilha, anda a enfeitar
A branca areia, a pôr-lhe conchas de ouro
E limos, onde a noite há-de pousar...

VIAGEM MITOLÓGICA

do Sapateiro da Rua da Asseca

LOGO que se fala no Algarve, à mistura com chaminés e amendoeiras, lembram as moiras encantadas.

As moiras encantadas abundam ainda por esses recantos mais ou menos escusos da nossa província e com o maior carinho as suas histórias foram arquivadas pelo Dr. Ataíde de Oliveira e pelo erudito Estácio da Veiga.

Além delas, a robusta imaginação do algarvio teve outras e muitas lendas, vulgarmente chamadas «medos».

Uma secção bem interessante do capítulo das bruxarias, os lobisomens, perdura ainda viva por certos lugares dos campos.

Continua na 2.ª Página

Verdades como punhos

O senador americano do Estado de Louisiana Allen Ellender declarou durante a sua visita a África que, no referido continente, não conheceu qualquer território onde os negros estivessem aptos a autogovernar-se e que o africano médio é incapaz de assumir a chefia sem o auxílio dos brancos, acrescentando que não encontrou qualquer país africano onde os negros tivessem sózinhos conseguido algum progresso.

«...Que um birmanês, como o sr. U Thant, sem qualquer preparação política que não sejam os seus preconceitos raciais e as tradições orientais que os dominam, não compreenda os percalços da política empreendida, compreende-se. Mas que as responsabilidades das potências ocidentais e, sobretudo, da América, que avaliza a operação, não reconheçam os riscos do precedente que estão a criar e dos frou-

Continua na 2.ª Página

II salão de Arte Fotográfica na Régua

Em Junho próximo efectua-se na Régua, por iniciativa do C. E. n.º 7 da M. P. (Escola Técnica da Régua), o II Salão de Arte Fotográfica.

Os interessados devem solicitar aquele centro os regulamentos. Haverá muitos prémios.

Mais um Concurso de Arte Dramática

AINDA se não apagou da lembrança de quantos tiveram o prazer de assistir à representação das peças concorrentes aos Prémios de Teatro instituídos pelo Secretariado Nacional da Informação, a impressão de arte e beleza das exhibições que desfilaram pelo palco do Teatro da Trindade, depois de terem entusiasmado as plateias das terras originárias dos grupos cénicos que se abalançaram ao ensaio persistente até à consecução de um nível artístico justificativo da decisão de concorrerem aos Prémios mais classificados no nosso País para os cultores da arte de Talma.

Pois o presante organismo que é o S. N. I. resolveu abrir este ano novo concurso que vai, certamente, criar novos incentivos que levarão os agrupamentos já com tradições formadas, a iniciar um novo sur-

Continua na 3.ª Página

Uma festa infantil

na Casa do Povo da Luz

Na Casa do Povo da Luz de Tavira, realizou-se no passado domingo, uma matiné infantil abrihantada pelo pequeno acordeonista José Daniel Rato, que se revestiu de grande brilhantismo em virtude da quantidade de crianças que compareceram com os mais variados trajes, todos impecáveis. Foi tarefa difícil para o júri, constituído pelas sr.ªs D. Cesaltina de Brito Avó, D. Maria Romeira Pinto e sr. Francisco Ramos Passos, distinguirem entre aqueles 19 disfarces, os 4 premiados. Assim, depois de uma minuciosa apreciação foram classificados:

1.º, Menina Helena Maria Gago Cansado, sevilhana e menino Arnaldo José Tainha de Oliveira, fidalgo; 2.º, menina Maria Fernanda Palmeira de Carvalho Paula, espanhola e menino António Joaquim Bolas, pastor.

A festa decorreu com grande animação por parte da petizada e com o maior orgulho dos pais que se reviam na graciosidade de seus filhos.

CARNIVAL DE LOULÉ



Iniciaram-se ontem e prosseguem nestes três dias de Carnaval, os tradicionais festejos em Loulé, que são neste momento o grande fulcro turístico do Algarve. As grandiosas batalhas de flores, que este ano se compõem de 40 carros alegóricos iniciarão o curso carnavalesco pelas 15 horas. Haverá também concursos de piropos e de quadras carnavalescas. Hoje, exhibir-se-á o Rancho Folclórico de Alte, amanhã, será eleita «Miss Carnaval 1963» e na Terça-feira de Entrudo, será feita a eleição dos «Príncipes da Alegria». Como fim de festa, durante as três noites, haverá bailes.

VIAGEM MITOLOGICA

do Sapateiro da Rua da Asseca

Continuação da 1.ª Página

Não sabemos se ainda Ataíde de Oliveira escreveu sobre eles. Os seus livros são raridades e os esparsos numerosos.

Herculano dá a notícia da cerimónia da iniciação dum lobisomem, menos fértil em pormenores que a nossa lenda colhida da boca duma antiga tavricense que, com muita graça, a sabia contar.

Longe de transparecerem nela os requintes de furor trético de que Michelet nos dá conta na sua «missa negra», constroem-na episódios mais factíveis, alicerçados num fundo matreiro e irónico e sem dúvida cavados na alma perspicaz do nosso povo.

Dito isto, passemos ao assunto:

Quando não havia clubes recreativos nem cafés ou esplanadas, o centro de reunião mais procurado, depois do pátio das armas e do chafariz d'el-rei, foi a oficina do sapateiro, como a loja do mestre-escama foi o mais remoto consultório médico.

Assim, na Rua da Asseca, na loja já demolida dum sapateiro que não deixou descendência e de quem nem sombra de parentela já existe, entre muitas alcovites cuscuvilhadas contava-se a triste sina do filho da Anica Leiteira, que, apesar dos ensalmos das bruxas mais reputadas, continuava a cumprir o fadário, metamorfoseado em lobisomem, conforme o atestavam francamente os calos espalhados no lado dorsal dos dedos das mãos.

Como remédio infalível, o receituário dos presentes aconselhava a mãe a queimar-lhe a roupa quando ele andasse a correr a sina, mas a prudente mulher receava, porque a mesma panacea, aplicada a certo vizinho, tinha-o enchido de mataduras que fora dó. Em conjecturas, esperavam que o mestre, tido por muito avisado, patenteasse o seu parecer.

O sapateiro, sentado na tripeça, molhando a sola e batendo as cardas, meteu-se nas encópias quanto aos prolegómenos duma opinião. O que ele queria era saber como de rapaz enfermo o moço se tornava em lobisomem, e as consequências advindas do seu zoomorfismo, sentindo agasturas de, por si mesmo, tirar o caso a limpo.

Picado de curiosidade resolveu, uma noite, seguir o embruxado, depois de ter escutado com atenção, e julgar saber na ponta da língua, os pormenores de todo o cerimonial.

Na sexta-feira seguinte foi-se, muito escondido, acocorar na encruzilhada por trás duma travisqueira. Era ao sol-postinho e não tardou que o vizinho aparecesse, sem dar fé dele.

Logo que escureceu, levantou-se um ventinho de agoiro, formou-se uma farândola de folhas de carrasqueira e, sem que o sapateiro pudesse explicar aos seus botões o quando e o como, em vez do moço, espinoitava na encruzilhada um burrinho arisco. Logo a seguir veio um portentoso grupo de bruxas opulentas e esgrouviadas, montadas em cabos de vassouras e pronunciaram a ordem mágica:

— Por cima da «silvia», por baixo da «olivia»!

Imediatamente tudo abalou por ares e ventos e o curioso homem, que não tinha ido ali para ficar agachado à raiz das árvores, repetiu a sentença, que lhe saiu errada por dificuldades de memória:

— Por baixo da «silvia», por cima da «olivia» — ordenou.

Os resultados não foram os mais desejáveis. Arrebatado por uma refrega de vento, deu

trambolhões desastrados ao ter de saltar por cima da copa das oliveiras e suportar arranhões sem número ao passar por debaixo dos silvados, conforme tinha ordenado, por castigo das suas culpas.

Para seu maior tormento, viu, à frente, numerosa escolta de lobisomens e potente cateriva de bruxas, comodamente viajando sob a rama das oliveiras e, cautamente, passando alguns palmos acima das silvas, o que as livrava de picadas.

Bastante contuso e atrapalhado, chegou, enfim, ao lugar do sabbat, lá para o Adro do Judeu ou Eira da Cinza. A topografia está um pouco desbotada. Ai, quis ficar oculto por trás duns zambujos, mas não foi possível.

Ao meio do recinto sentava-se um desmesurado carneiro, de tosão todo negro e portentosa armadura. Bruxas e lobisomens (havia-os em penca) organizaram uma apressada dança de roda, enquanto repetiam, ao mesmo ritmo de galope, como que aos solavancos:

— P'ra domingo, segunda e terça; quarta, quarta, quinta e sexta!

O sapateiro, pouco à vontade, fez das tripas coração e agarrou certo pau de vassoura em disponibilidade, não sem ver à sua volta alguns narizes torcidos. Entretanto lá ia matracando a cantilena tal como os outros e seguia sempre na road, animado do movimento circular, como por intermédio duma mola estranha.

No fim de várias voltas, parou a animada diversão. Tratava-se agora de homenagear a figura central. E lá foi toda a bruxaria prestar vassalagem, tal como o código prescreve.

Para não ser notado, o sapateiro aproximou-se também mas os hábitos são mais fortes que as nossas intenções, sacou a sovela do seu ofício, muito escondida na algibeira, e zás... o cumprimento transformou-se em sovelada.

Um tanto formalizado, mas sem perder a linha da sua dignidade benévola, o carneiro voltou-se e advertiu:

— O amigo, à outra vez traga a barba feita!

Entre as bruxas e lobisomens ia desencandear-se borbórinho, mas num sítio chamado a Pedra do Galo cantou o dito galaroz.

O carneiro sumiu-se, bruxas e lobisomens abalaram por ares e ventos, em regresso a casa e, com elas, regressou o sapateiro curioso, apanhando na torna-viajem igual número de arranhões, e sofrendo tantas contusões que lhe deixaram um tornozelo luxado.

No dia seguinte, manhosa e, queixava-se de dor reumática e logo chamou a benzedeira que lhe «coseu» a articulação mas foi-o avisando de que para a outra vez devia ter mais sentido no que fazia e dizia.

O que o homem durante muito tempo não soube, foi explicar a si mesmo porque a cantilena repetia a quarta e deixava para o sábado.

Um dia, casualmente, algumas pessoas que se reuniam na loja, conversando, levaram-no a descobrir:

A quarta é dia considerado pelo demo, porque à quarta se combinaram os judeus para prenderem a Cristo. Quanto ao sábado, como foi consagrada Aquela que esmagou a cabeça da serpente, não se fala nele.

* * *

Falta só pôr no fim como o Dr. Ataíde: «Bendito e louvado, meu conto acabado», pois a lenda, bem, bem estudada, parece conto de Carnaval.

M. G.

A proposta de alterações à Lei Orgânica do Ultramar

Continuação da 1.ª Página

É de notar o volume substancial das alterações, transformando, quase, num novo diploma e instrumento jurídico largamente remodelado, tanto na letra como no espírito.

As alterações à Lei Orgânica, resultantes do estudo das conclusões da reunião plenária do Conselho Ultramarino, ao serem enviadas para discussão, apresentaram-se, como uma necessidade de irmos para a frente. Das noventa e duas bases actualmente existentes, trinta e duas sofreram alterações, a supressão de três e a introdução de duas novas bases.

Mais do que uma simples actualização ou aperfeiçoamento: autêntica transformação.

A proposta do Governo, cujo articulado é antecedido de um preâmbulo histórico, sobre os critérios que antigamente se adoptaram na organização e administração do Ultramar, traz também alguns apontamentos explicativos das razões a que obedeceu, agora, na elaboração pelo Governo, do aludido diploma.

Era já, desde há muito, reconhecida a necessidade da revisão da Lei Orgânica, dado o seu sistema não estar condizente com o momento actual, chegando a pensar-se na promulgação de novos diplomas, dada a evolução natural do mundo em que vivemos e ainda pela experiência colhida nestes últimos decénios.

Nos moldes em que se situava a Lei Orgânica em vigência só dificultava e criava problemas ao Governo da Nação.

Assim, o Governo, sem recorrer à revogação da lei vigente, e a ter de promulgar diplomas novos que, além de desnecessários, impediria o aproveitamento de larga jurisdição já existente em relação às bases não alteradas, como dificultaria o correcto entendimento do novo diploma.

Achamos pois que, as alterações apresentadas pelo Governo são, as que, estão inteiramente condizentes com o espírito da Nação, por representarem um grande e necessário avanço na política ultramarina portuguesa e, ainda, como resultante do desejo do Governo de ir ao encontro das aspirações manifestadas não só pelo venerando Conselho Ultramarino, como também pelas populações das províncias ultramarinas, através dos seus representantes qualificados.

Todo o diploma fica com um espírito fortemente descentralizador, com uma autonomia vastíssima, sem prejuízo da unidade política e da eficiência administrativa, criando-se um clima de uma política firme e de verdadeira integração económica para as nossas províncias ultramarinas.

Espera-se agora a deliberação da Assembleia Nacional, fazendo votos por que o diploma possa corresponder aos anseios do venerando Plenário do Conselho Ultramarino Português e que, os órgãos das províncias ultramarinas, saibam corresponder aos intuitos teóricos da proposta.

Luís Sebastião Peres

Arrenda-se

Uma courela denominada «Almargem», no sítio Covas de Gesso, que consta de sequeiro e regadio, com diverso arvoredo, arrenda-se por grande quantidade de anos, para restituir o dinheiro a quem a comprou.

Recebe propostas em carta fechada até 10 de Março, Idalito Carlos Martins — Solteiras — Conceição de Tavira.

Algumas considerações

acerca do Folclore Algarvio

Continuação da 1.ª Página

doutra região, no qual as raparigas se apresentaram de saias plissadas. Duvidámos da genuidade folclórica daquela idumentária, mas não são contos do nosso rosário por se tratar de rancho de outra região.

Dominados pelo desejo que nos anima de ver criada no Algarve numerosa representação de ranchos folclóricos, somos de parecer que todos os seus organizadores e ensaiadores são dignos do nosso incondicional apoio, na medida da honestidade dos seus processos de reposição e manutenção de tudo que constituiu manifestações de espiritualidade dos nossos antepassados. Porém, os que adoptam processos errados, por ignorância, irreflexão ou comodismo, merecem igualmente o nosso apoio pelo propósito das suas iniciativas, mas carecem, antes de se mostrar em público que o SNI se disponha a dar-lhes a necessária orientação técnica, dado o interesse que o Folclore suscita na vida nacional.

Destá falta de orientação resulta depararmos com as anomalias folclóricas apontadas pelo Ex.º articulista que ao estudo de aspectos valorativos da sua e nossa província tem dedicado o melhor do seu labor.

Antes do mais torna-se imperioso esclarecer ensaiadores e organizadores que no cumprimento da sua delicada missão é indispensável muito espírito de sacrifício e poder de investigação, sobretudo nos meios rurais, onde existem ainda résteas do genuíno folclore algarvio que é, sem sombra de dúvida, dos mais ricos e alegres e detentor de características próprias que o individualizam e diferenciam do do resto do País.

Enquanto que do Minho à Estremadura, passando pelo Alto Alentejo, encontramos uma gama de variantes do «vira»; enquanto que das províncias vascas de Espanha às lezírias do Ribatejo verificamos a existência dos famosos fandangos, no Algarve as danças e canções têm nomenclaturas próprias e espelham a alma do seu laborioso povo.

Mas as canções e cantares são muitas vezes migratórias e o que as integra no folclore de uma região é precisamente a sua popularização e a interpretação que o povo lhes dá no volver de sucessivas gerações, imprimindo-lhes características locais. Evidentemente que o vira do Minho é bem diferente do vira do Alentejo. Ambos serão tipicamente regionais.

A nítida diferenciação do folclore do Algarve é devida a vários factores a que não será estranha a nossa posição geográfica: — Separados do resto do País pelos contrafortes da Cordilheira que une o Guadiana às alcantiladas costas oceânicas de Aljezur e batidos a sul pelas tépidas águas do Atlântico, sofremos em menor grau influências estranhas nos recuados tempos da malaposta. Tivemo-las, sem dúvida, mas o povo moldou-as segundo a sua índole.

Poucas regiões de Portugal nos poderão apresentar um tão elevado número de motivos coreográficos sem a menor semelhança entre si. Se não vejamos:

— O Corridinho, com as suas variantes, o Balso Pulado, o Balso Rasteiro ou Marcadinha, os bailes mandados e os bailes de roda.

As melodias do «Balso Pulado» e do «Balso Rasteiro», não se perderam para sempre graças ao espírito folgazão de um velhote acordeonista que aproveitou até aos últimos dias da sua existência para se divertir com a gente moça da

Verdades como punhos

Continuação da 1.ª página

xos que estão a pôr em prática, isso é que se compreende menos...»

(de um editorial do «Diário de Notícias» sobre o Cantanga)

«... Apesar do afã das construções, ainda infelizmente estamos atrasados e apesar desse esforço são muitas, por vezes, as críticas. Mas não importa. Quem governa com justiça e com confiança aproveita das críticas a parte sã e, quanto ao resto, a melhor resposta é continuar construindo e isso estamos fazendo...»

(de um discurso do Chefe do Estado, durante a inauguração dum bairro de casas económicas)

«... Esse anticolonialismo que se invoca contra Portugal é tão insinuoso, tão hipócrita, tão falso, que nem sequer se apoia num conceito decente de «colónia», na linguagem jurídica dos marxistas? Será um país que se encontra nas miseráveis condições da Hungria, da Bulgária, da Alemanha Oriental e de outros tantos que sofrem por detrás da «cortina de ferro»?...»

(de uma entrevista do Prof. Mozart Monteiro ao «Diário de Notícias»)

«... Goa, a nossa querida Goa (que o anticolonialismo fez objecto de uma transferência de soberania de Portugal para a União Indiana, depois do mais covarde atentado desta triste história contemporânea) representou até agora a interpretação das culturas do Ocidente e do Oriente numa autonomia política e social feliz. Os goeses orgulhosos dessa liberdade criadora continuam a proclamar-se portugueses...»

(Manuel Anselmo, delegado português à XII Conferência Geral da UNESCO)

sua aldeia, por alturas das «janeiras».

O ensaiador de um dos nossos ranchos folclóricos — folclorista por intuição e já por longa experiência — aproveitou aquelas joias preciosas do nosso folclore, em vias de para sempre se perderem. Indagando da existência das pessoas mais idosas da região que lhes indicassem e corrigissem as marcações, arrancou das cinzas «O Balso Pulado» e o «Marcadinho» ou «Balso Rasteiro», após trabalho exaustivo e paciente, mas honesto.

Quanto a indumentárias também nem tudo se adulterou no nosso folclore. O mesmo rancho folclórico algarvio obteve ainda há poucos dias o 1.º lugar nas indumentárias, na final do 1.º Concurso Folclórico Nacional, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, concurso disputado por eliminatórias entre 70 agrupamentos congêneres e perante rigoroso Juri de que fizeram parte as mais destacadas competências no conhecimento do Folclore Nacional.

Este, felizmente, não se enfeitou como muitos outros, com garridas cintas ou as aludidas jaquetas «dos pampas argentinos», idumentárias que só accidentalmente e por excepção os nossos antepassados teriam usado, mas respeitou a típica singeleza das vestimentas dos nossos avoengos.

Corrigidas, pois, as fantasias folclóricas de alguns ranchos, no que respeita a exagerados exibicionismos que nada nos enobrecem e viradas as atenções do SNI para o estudo do folclore do Sul, poderíamos encarar sem receio a realização de um brilhante festival do Folclore algarvio, alvitado pelo ilustre autor do artigo que motivou estas linhas e também neste aspecto desde já nos confessamos dispostos a dar-lhe o nosso incondicional apoio.

Mais um Concurso de Arte Dramática

Continuação da 1.ª Página

to de ensaios em peças com categoria suficiente para serem exibidas na capital e renovarem o êxito alcançado no ano findo.

As nossas deambulações de férias não permitiram que assistissemos senão à representação das peças «A Espera de Godot» pelo Grupo Experimental de Aveiro, e «O Lugar» pelo Grupo Cénico de Avintes, salvo erro. Mas a impercível impressão que nos ficou da exibição destes dois agrupamentos artísticos, aliada às referências e críticas feitas aos outros concorrentes, convence-nos de que está encontrado o bom caminho que há-de levar à ressurreição, não só de novos e dedicados artistas teatrais, como do próprio gosto pela arte de representar por parte do público que tem consentido no declínio do espectáculo teatral pela injustificada preferência pelo cinema que, embora regalando a vista momentaneamente, nos desilude quando pensamos que quase sempre se baseia em truques e fantasias de filmagem que desvalorizaram o espectáculo que nos proporciona porque, afinal, é quase tudo mentira.

Vão as Colectividades de Cultura e Recreio e os Grupos Dramáticos Independentes dispor de oportunidade para creditarem a sua acção em proveito da arte de representar e da elevação do nível cultural e artístico das populações que hão-de encher as plateias dos seus Teatros quando exibirem as peças escolhidas, ao mesmo tempo que concorrem à atribuição de prémios que além do seu valor material, são um estímulo para quantos foram dotados com as qualidades requeridas para o difícil papel de actor.

E nós, ao lembrar os diálogos dos que esperavam por Godot e em que Jaime Borges, de Aveiro, atingiu plano destacado, e o velho e o rapaz que incarnaram as personagens mais relevantes de «O Lugar», somos levados a afirmar que confiamos no êxito de mais este Concurso de Arte Dramática que acaba de ser anunciado.

A. d'Andrade

Câmara informa!

Continuação da 1.ª página

Domínio Público Marítimo, a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos vai organizar, de harmonia com os pareceres já prestados pelas autoridades intervenientes no processo, a relação dos condicionamentos que deverão constar do diploma de desafectação, de modo ao processo ser enviado na próxima semana para a Direcção-Geral da Marinha.

A desafectação será feita integrando a parcela em causa no Domínio Privado do Estado, ficando desde logo a Direcção-Geral da Fazenda Pública autorizada a ceder à Câmara Municipal, a título definitivo e gratuito, a parcela em causa, para ser arborizada de harmonia com o plano aprovado pelo Ministério das Obras Públicas.

O parecer a emitir pela Comissão do Domínio Público Marítimo será sujeito à homologação de S. Ex.ªs os Ministros da Marinha e das Obras Públicas.

Se for dada homologação, a publicação do diploma de desafectação será promovida pelo Ministério das Finanças (Direcção-Geral da Fazenda Pública). Esse diploma será referendado pelo Conselho de Ministros.

A electrificação da freguesia de Santo Estêvão será inaugurada no dia 3 de Março próximo.

O mercado de Tavira vai ser abastecido de batata para consumo público, através da firma Sociedade Provincial de Produtos Hortícolas, Lda. de Faro. Quem pretender o referido produto pode dirigir-se àquela firma que vai mandar para esta cidade, imediatamente, uma camioneta com batata.

pela CIDADE

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana — Hoje apresenta, para maiores de 17 anos *A Ponte*, com Folker Bohnet e Fritz Wepper. Em complemento, *O Último Paraíso*, em Eastmancolor com Karlheinz Bohn e Maea a Flohr.

Quinta-feira, para maiores de 17, *Sargento X*, com Christian Marquand e Neelle Adam.

Sábado, para maiores de 12, *Zorro, o Vingador*, com Guy Millams e Henry Calvin. Em complemento, *Eu Seja Cão*, Fred Mac Murray e Jean Hagen.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim

Livros e Revistas

Dicionário de História de Portugal — A distribuição do fascículo XIV do *Dicionário de História de Portugal* (ilustrado) veio confirmar a fama que esta magnífica obra disfruta entre o público e os letrados. O que até há pouco tempo parecia um sonho difícil de realizar é hoje uma esplêndida realidade, graças aos esforços do distinto historiador, professor e ensaísta Dr. Joel Serrão que está a dotar a cultura portuguesa dum instrumento admirável em que conseguiu reunir o escol dos especialistas de história do nosso país e do estrangeiro.

Entre os artigos que se publicam neste fascículo, profusamente ilustrado, destacamos os seguintes:

Comércio com o Brasil — Prof. Frédéric Mauro; *Comércio externo* — Prof. Charles Verlenden, Dr. Jorge de Macedo, Dr. Armando de Castro; *Comércio oriental* — Dr. José Gentil da Silva; *Companhias comerciais* — Dr. Jorge de Macedo; *Complexo histórico-geográfico* — Prof. Vitorino de Magalhães Godinho; *Comunitarismo* — A. Jorge Dias; *Conceição* — Prof. Torquato Soares; *Conceptismo* — Prof.ª Maria de Lourdes Belchior; *Condado portugalense* — Prof. Torquato Soarer; *Conferências democráticas* — Dr. Oscar Lopes; *Coninbricenses* — Prof. Delfim Santos; *Conimbriga* — Dr. Balthazar Oleiro.

O Dicionário de História de Portugal (ilustrado) é uma edição de Iniciativas Editoriais — Avenida Rio de Janeiro, 6 s/c — Lisboa — Tel. 724051.

Autores — Referente a Outubro de 1962, recebemos o último número de «Autores», boletim trimestral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, que se apresenta com escolhida e excelente colaboração literária firmada pelos mais autorizados prosadores da actual geração.

Eva — referente a Fevereiro recebemos o n.º 1093, desta interessante revista feminina.

Escolhida colaboração e maravilhosas fotos preenchem mais este excelente número de Eva.

Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura — Acaba de vir a lume o 1.º fascículo desta obra monumental de cultura luso-brasileira na qual colabora uma pleiade de professores catedráticos, escritores, jornalistas, revelantes figuras da igreja, engenheiros, arquitectos, musicólogos, etc. etc.

Com excelente apresentação gráfica, escolhida e preciosa colaboração literária e científica, surgiu o fascículo n.º 1.

Uma obra cuidadosamente planeada para satisfazer as sempre crescentes exigências culturais ou meramente informativas do homem contemporâneo.

Uma realização que coloca Portugal ao nível das mais modernas lições de enciclopédicas europeias.

Apraz-nos registar que Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura é uma obra que vem preencher uma grande lacuna que de há muito se fazia sentir em Portugal, em publicações do seu género e, por isso, muito sinceramente felicitamos a Editorial Verbo, na pessoa do seu ilustre Director por tão arrojada publicação.

Para ti — Publicou-se o n.º 127 desta simpática revista de bordados e crochets de maior tiragem e expansão que se publica entre nós e que tanto interessa a todas as senhoras, dados os excelentes modelos que encerra.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Isabel das Chagas, menina Rosa Maria Guerreiro da Conceição, meninos José Joaquim Branquinho da Silva, João Sérgio de Sousa Baptista Leiria e os srs. Dr. Humberto Sérgio de Brito Avô e António da Cruz Piloto.

Em 25 — D. Maria da Encarnação Parreira Fernandes Ribeiro, D. Marília Guerreiro Vaz, meninas Maria Esméria Durão (correia Matos e Maria Alda Pinto Conceição).

Em 26 — Srs. Fernando Ventura, Vitor Manuel Parra Viegas, Henrique José Pereira Correia e a menina Adelaide da Conceição Bento.

Em 28 — Vitorina Maria Gomes Correia, D. Alda da Graça Lopes, D. Alice Baptista Romão Lopes e os srs. Olavo Sesinando Monteiro Baptista e José Eduardo Correia Palmeira.

Em 1 — D. Maria do Carmo Oliveira, menina Maria de Fátima Cruz Bento da Silva e os srs. José Júlio Alves Leandro, Custódio Adrião de Jesus Pires Nunes e Adábal António Taipas Calapez.

Em 2 — Mlle Maria da Encarnação Justo e os srs. Major Rogério de Campos Cansado, Nuno Falcão Ponce e José Simplicio Octávio Cristina Peres.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa esteve nesta cidade, em visita a sua família, o sr. Anibal Augusto Martins, funcionário da C. P. aposentado e nosso prezado assinante em Almada.

Necrologia

Capitão Henrique Martins Galvão

Faleceu no passado dia 14, em Lisboa, onde há anos residia, o sr. Capitão Henrique Martins Galvão, de 66 anos de idade, natural de Olhão.

Como oficial da arma de Infantaria prestou durante muitos anos serviço no Regimento de Infantaria 4 e foi Combatente da Grande Guerra em França, possuindo várias condecorações.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Carlota Ribeiro Galvão e era pai da sr.ª D. Maria Natália Galvão Cansado e dos srs. Tenente Sebastião Ribeiro Galvão e Eng.º Mário Ribeiro Galvão e sogro das sr.ªs D. Maria José Lopes Galvão, D. Maria Judite Chaves Galvão e do sr. Comandante Henrique Uva Cansado.

O seu funeral realizou-se no passado dia 15, tendo sido sepultado no talhão dos Combatentes, no Cemitério do Alto de S. João

A família enlutada apresenta-nos condolências.

Presença do Brasil na Feira do Ribatejo

A Feira do Ribatejo todos os anos alarga a sua projecção. Cada vez se torna mais conhecida no País e cada dia atrai maior número de visitantes estrangeiros. Não admira. É o carácter típico e bem vincado das suas manifestações festivas, conjugado com o mérito do sector industrial, comercial e agro-pecuário do grande certame que justifica o interesse de todas as camadas populacionais de distantes regiões de Portugal e de além-fronteiras. Por isso, não surpreende que alguns países comecem a pensar em aproveitar um empreendimento que atrai muitas centenas de milhares de visitantes — das mais variadas condições sociais e diversas predilecções — para aí exibirem a progressiva evolução dos diferentes sectores da actividade nacional.

Por sorte — e rejubilamos todos com o facto — o primeiro País a tomar a deliberação de valorizar a Feira do Ribatejo foi o Brasil, nação irmã, cuja presença, para além do mais, tem um significado sentimental muito grato ao coração dos portugueses.

O Brasil terá o seu pavilhão na Feira do Ribatejo e, através dele além de patentear a sua estima a Portugal e o seu apreço pelo certame que anualmente se realiza em Santarém, revelará a muitos milhares de portugueses e de visitantes de outras origens o potencial extraordinário e a progressiva evolução da maior nação da América-Latina no campo da arte, da cultura, da indústria, do folclore, etc.

Trata-se de uma feliz oportunidade que o Brasil aproveita da melhor maneira para fazer legítima propaganda das suas riquezas e virtudes, mas também de um feliz motivo de valorização da Feira do Ribatejo, que neste 10.º ano da sua realização está a ser preparada com raro cuidado para que atinja excepcional brilhantismo nos vários sectores em que se desdobra o mais complexo certame nacional do seu género.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Dos Livros

Maravilhas da Química Moderna

Alguns dias depois do ataque japonês a Pearl Harbour, uma conferência secreta presidida por um general reuniu alguns dos melhores químicos dos Estados Unidos. O general declarou-lhes, em resumo: «A guerra do Pacífico será longa e dura. Os nossos aviadores que caem no mar arriscam-se a ser devorados pelos tubarões. É preciso arranjar-se um composto químico que, dissolvido na água do mar afaste os tubarões». Seis meses depois esse composto estava pronto no laboratório e, ao fim de três meses mais, era fabricado industrialmente.

Durante toda a guerra os químicos dos dois lados não param, assim de fabricar compostos por encomenda. — «Fornecem-nos um composto sintético que permita diluir o sangue de no momento das transfusões». — «Fabriquem-nos um óleo de lubrificação que não gele no Ártico». — «Descubram uma pintura verde que, fotografada de avião, se pareça com a clofila natural dos vegetais e permita a camuflagem». — «Fabrique quem borracha a partir de petróleo». — «Fabrique quem petróleo a partir de borracha». — «Encontrem um produto que repile a água e permita aos nossos veículos de combate desembarcar e atravessar rios». — «Descubram um produto que atraia a água». E assim por diante.

Poucos fracassos se conhecem. — «Fabrique quem nos uma esponja mais leve que o ar». — «Descubram-nos um lubrificante que resista aos corrosivos utilizados como carburantes dos fogotões». — «Encontrem um produto que permita conseguir, numa das calças de lã, um vinco permanente que não desapareça quando se passa a ferro, se limpa ou se lava». — «Descubram um concentrado que torne possível fabricar gelados com o perfume do melão». — «Fabrique quem um vidro invisível». — «Dêem nos um verniz que torne um avião transparente ao radar...»

E os químicos desempenham-se sempre bem. Mas como fazem eles para fabricar por encomenda um composto novo, que existe na natureza, que tenha as propriedades requeridas? Como procedem estes arquitectos das moléculas?

Essas duas perguntas a que, entre muitas outras, responde este curioso livro, que será da máxima utilidade para os estudantes de química e para as muitas pessoas que por este ramo da ciência se interessam.

Tradução de Maria Antónia Borges de Sousa. (Editorial Estúdios Cor, 88 páginas, ilustrado, 20\$00).

Madre Joana dos Anjos

Em 1634, foi queimado vivo na praça pública de Loudun, pequena cidade francesa, um padre, o pároco Urbain Grandier. Era acusado de feitiçaria, magia e sacrilégio. A sua desgraça começou no dia em que pediu o lugar de director espiritual do convento de Ursulinas de Loudun e foi preterido por um concorrente mais afortunado. E que, pouco depois, as freiras viram-se atacadas por uma loucura contagiosa que as levou a considerarem-se atormentadas por espíritos malignos. Logo se disse que estavam possuídas do demónio e que o autor do malefício fora o padre Grandier. Um erro judiciário a juntar a outros, com a agravante de a sentença resultar de um julgamento iníquo, pois que há razões para crer ter sido ela determinada por vingança do cardeal Richelieu, contra quem Grandier escrevera um panfleto. Como quer que seja, o nome de Grandier entrou na longa lista dos mártires da intolerância e da superstição.

Este é o pretexto histórico do romance que Jaroslaw Iwaszkiewicz escreveu. Transpondo o lugar da acção para a Polónia, modificando os ambientes e os caracteres, Iwaszkiewicz tornou ainda mais inquietante a atmosfera do drama. O leitor é arrastado num torvelinho de paixões obscuras e violentas, do mais ideal misticismo e da mais troculenta farsa. E dos motivos de interesse de Madre Joana dos Anjos não é o menor esse oscilar constante entre a extrema baixeza da condição humana e a mais alta espiritualidade de que é capaz essa mesma condição.

Tradução de Alfredo Margarido. (Editorial Estúdios Cor, 240 páginas, 30\$00).

A vida de Tolstoi

Grande escritor entre os maiores de todos os tempos, Tolstoi tem a imaginação de um criador a força de orquestração e de composição que fazem o romancista. Em cada um dos seus livros entramos num universo que lhe é próprio, habitado por personagens cujo carácter ele minuciosamente traçou. Não escrevendo para fazer obra de literato, mas para afirmar as suas ideias, e mais como reformador que como filósofo.

A VOZ das FREGUESIAS

Santo Estêvão

Instalação eléctrica — Com a presença de diversas entidades oficiais e particulares realizou-se no próximo dia 3 de Março pelas 12 horas, a inauguração oficial da instalação eléctrica na aldeia de Santo Estêvão, a qual estava prevista para o dia 25 do corrente, como o nosso jornal já havia noticiado, mas que por motivos de ordem técnica foi alterada para a data e hora acima indicado.

A concretização deste grande acontecimento está despertando aqui o maior interesse e regosio pelo que se conta com um elevado numero de pessoas que atraídas pela grandiosidade do acto possam também oferecer com a sua presença uma nota festiva e prova de gratidão e reconhecimento. — C.

Associação de Assistência à Mendicidade

Donativos recebidos no mês de Janeiro:

Da firma Cunha & Dias, Lda., uma porção de tabaco; do Centro de Instrução de Infantaria, 37 kgs. de pão; do sr. Tolentino Mendonça Nunes e de D. Josefa Nunes de Mendonça, grãos, abóboras, batatas e pão; de D. Maria Adelaide R. Viegas, pão e roupas; dos srs. João Correia, João Monchique, Alvaro Dias, Alberto Lopes, Francisco Cação, José Lopes e José Monchique, carne; de D. Maria Elete L. Dias, sapatos e 11\$00; de anónimos, 74 litros de grãos e 28 cabases de laranjas e tangerinas.

Vende-se

Uma courela de terra de regadio e sequeiro, no Almargem, freguesia da Conceição. Trata João da Palma Costa ou o Solicitador José Luís Cesário.

Vende-se

Um prédio que consta de primeiro andar e rés do chão, que serve para qualquer ramo de negócio na Rua da Liberdade, 97.

Quem pretender dirija-se a Ilídio Costa Teixeira — Tavira.

sofo, o seu estilo, que tem o sabor de não ser trabalhado, possui no entanto a qualidade de ser exacto e forte. Tolstoi classifica-se entre os mestres do romance realista, o que aliás não impediu nunca o seu lirismo de expandir-se. Como a maior parte dos escritores eslavos, ele tem, com o amor profundo da sua pátria, a necessidade mística de a salvar, ao mesmo tempo que esse desejo de salvação se alarga à humanidade inteira.

Três foram os períodos que Tolstoi conheceu, correspondentes aos três termos da sua evolução. No primeiro, lírico, exaltou a vida livre, rude e simples que lhe agradava. As suas duas maiores obras — Guerra e Paz e Ana Karenine — pertencem à maturidade. Do último período, doutrinário, é Ressurreição o ponto mais alto.

Falando de si mesmo, Tolstoi escreveu: «Uma biografia escrita como habitualmente o são, passando em silêncio todo o lado culpado e vicioso da minha vida seria falsa, e se ela tiver de ser escrita, é preciso que a verdade inteira seja dita...» Neste seu livro que a Editorial Estúdios Cor publicou, Daniel Gillès não quis somente falar da culpabilidade tolstoiana, mas também do magnífico patriarca e do prodigioso exemplo de escritor prometaico que foi o autor da Sonata Kreutzer. Publicada por ocasião do quinquagésimo da morte do grande escritor russo esta biografia surge-nos como um extraordinário quadro, ressuscitando toda uma época e mostrando como Tolstoi soube conciliar o papel esmagador de escritor de génio, de homem exemplar e de profeta inspirado.

Tradução de João Pedro de Andrade. (Editorial Estúdios Cor, 464 páginas, 50\$00).

Jornal Feminino — Recebemos o n.º 125, referente a 1 de Fevereiro desta excelente revista feminina portuguesa, um dos melhores do seu género que se edita no nosso País.

No presente número inclui além de interessantes secções de modas, cinema, culinária, actualidades, etc., inserte magníficas fotos e escolhida colaboração literária.

Campeonato Nacional da I Divisão

Benfica 1 — Olhanense 1

Contra todas as previsões, o Sporting C. Olhanense, 10.º classificado obteve, no seu jogo frente ao Benfica — o guia — um resultado surpreendente e sensacional.

Olhão e o Algarve inteiro rejubilam com tamanha façanha do seu campeão.

Na posição de vencido II «misterioso» nos primeiros 45 minutos, o «onze» algarvio acabou, muito justamente, de obter a igualdade no 2.º meio tempo; e ainda perdeu um gol, que seria o da vitória, nos derradeiros momentos da partida.

Tal como há 8 dias frente ao Porto, o Olhanense adaptou uma tática defensiva tão perfeita que o Bi-Campeão não teve nem talento nem força para transpôr aquele sólido bloco, impressionante pela autoridade imposta a um ataque dos mais famosos e poderosos que disputam o Nacional da I Divisão.

Campeonato Nacional da II Divisão

Lusitano 4 — Oriental 0

A «goleada» esteve à vista nesta jornada de tristes recordações para os forasteiros.

A equipa algarvia confundiu de tal maneira o onze visitante, que a sua vitória não deixou quaisquer dúvidas ao espectador mais céptico. O penalty falhado serviu de ponto de partida para o colapso do onze lisboeta que desceu ao rectângulo de jogo com certa disposição para animar a presente quadra carnavalesca, no que os lusitanistas imitaram... com o esboço de alguns compassos de baile...

Silves 2 — Peniche 3

Jogo disputado em Portimão, por interdição do campo do Silves.

Os algarvios pagaram bem, com excepção do seu guarda-redes que actuou bastante mal de modo a consentir mais uma dose de frangos, estiveram a perder por 3-0 e ainda conseguiram reduzir a diferença para 2-3, resultado que não chegou para o salvar da derrota.

Farense 1 — Torreense 1

Bom jogo e resultado certo. O adversário, que ocupa os primeiros postos da tabela, contribuiu de maneira decisiva para valorizar a partida e o Farense passou ao 5.º lugar na classificação.

Alhandra 3 — Portimonense 1

A «verdade» do jogo esteve longe do resultado final. A diferença de 2 golos não corresponde ao que se passou durante os 90 minutos desta partida em que os algarvios foram os melhores jogadores em campo.

Jogos para hoje:

I Divisão

Olhanense — Cuf

II Divisão

Portimonense — Lusitano

Luso — Silves

Peniche — Farense

I. C.

TOTOBOLA

24.ª Jornada 3/3/63

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1 Atlético — Académica	x
2 Leixões — Belenenses	2
3 Feirense — Lusitano	2
4 Sporting — Porto	1
5 A. Viseu — Braga	2
6 Salgueiros — B. Mar	2
7 Alhandra — Seixal	1
8 Lusitano — Sacaven	1
9 Montijo — Portimon	1
10 C. Piedade — Oriental	1
11 Silves — Portalegren	1
12 Farense — Luso	1
13 Peniche — Torreense	1

Jorge Cruz

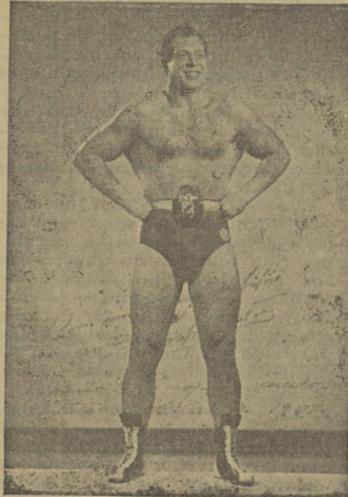
TAVIRA vai ter um Campeão Mundial?

De mão amiga acabamos de receber um recorte do jornal «Notícias da Beira», que se publica naquela importante cidade moçambicana, inserindo pormenorizada reportagem acerca do combate que o nosso valoroso contrerriano, campeão de box e luta livre, Carlos Rocha, titular de Portugal e da Europa e challenger ao título mundial, sustentou na cidade da Beira, com o campeão da Rodésia, Bob Courtney.

Para não desvirtuarmos o sentido de referida publicação, com a devida vénia transcrevemos na íntegra o combate, que deu ao tavirense mais uma espectacular vitória, colocando-o em posição invejável de conquistar o título de campeão mundial da modalidade. Eis a notícia:

Vitória espectacular de Carlos Rocha sobre um adversário frágil de mais para a sua categoria

O nosso campeão fez um primeiro assalto apenas de aquecimento, ao findar do qual aplicou ao rodesiano a clássica turquez de pernas



O atleta Carlos Rocha

forçando-o a um inevitável e espectacular assentamento de espaldas; e no segundo continuou a fazer gato-sapato do seu adversário, dando a nítida sensação de pretender fazê-lo durar até ao último «round», certo de que aí o venceria quando e como quizesse. O rodesiano, presentindo que iria ser um frágil brinquedo nas mãos do nosso possante campeão, tentou sacar partido dos golpes proibidos, «pranchando» Rocha no baixo ventre, e preparava-se para liquidar a questão (sofria apenas um aviso público mas ganhava o combate) com novo golpe idêntico procurando que Rocha não voltasse à luta dentro dos implacáveis nove segundos.

O campeão português, inteligentemente, procurou deixar a contagem (fazer-se enquanto se refazia fora do ringue, mas o rodesiano sabia que só assim poderia ganhar o combate e procurou mantê-lo fora das cordas; opôs-se-lhe o árbitro Al Pereira, mas o rodesiano consciente de que aquela era a sua única chance, «engravatou» o juiz e meteu-o a «pique» sobre a mesa do júri.

O rodasiano cometeu finalmente o erro grave de perseguir Rocha fora do ringue, o que provocou o natural reboliço no público, que fugiu das suas cadeiras de pista num atropelo infernal.

Aí, o campeão rodesiano tentou uma cabeçada em prancha, mas Carlos Rocha, rápido como convinha susteve o golpe com «leques» de pernas, aplicou-se de seguida e, sem permitir qualquer reacção, lançou um violento «daço» de inversão e massacró o rodasiano com sucessivas e piedosas «guilhotinas» forçando-o com toda a fúria de um verdadeiro campeão de «catch», a bater repetidas vezes com o frontal contra uma cadeira.

O público começou a gritar ensurdecadoramente, pedindo ao nosso campeão que arrastasse o rodasiano de novo para o ringue; Rocha acedeu, largando a presa para fazer a vontade a um público que delirava e exigia o «massacre» sobre a lona, saltando rápido para o meio das cordas, mas o rodesiano, sangrando abundantemente do frontal, recusou-se a continuar a luta, numa exacta compreensão da sorte que o ia esperar.

Agradecimento

A família do falecido Joaquim Eduardo Palermo de Mendonça, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu funeral ou que, de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar vem, por este meio, tornar público o seu mais reconhecido agradecimento.

Honorífica Ordem Académica de S. Francisco

PERANTE o cataclismo do avanço das ideias subversivas que pretendem conduzir o Homem a uma sujeição indigna como qualquer instrumento mecânico, negando-lhe todo o valor e qualidades de pessoa humana criada por Deus e à sua semelhança tendo como unidade de rumo o seu bem supremo. Nesta ordem de ideias, e para a realização no mais alto grau da actividade espiritual do Homem foi criada a Honorífica Ordem Académica de S. Francisco, de comum acordo entre alunos e professores da Faculdade de Direito de S. Francisco da Universidade Estadual de S. Paulo e com reconhecimento oficial em franca colaboração com o governo brasileiro.

Enquadrada dentro do espírito das mais vivas e antigas tradições portuguesas, e brasileiras, escolheu a Ordem para seus patronos S. Francisco, figura admirável e uma das mais brilhantes que o cristianismo forneceu ao mundo, mercê das suas grandes qualidades quer de ordem espiritual quer pela grande bondade que tal grande figura nos lembra, como também pela grande religiosidade que foi o marco miliário da vida de tão insigne apóstolo da caridade e desvelo cristão, um dos poucos a reunir aquelas qualidades que devem ser exigidas em todos nós; e também a figura impar do Imperador D. Pedro I, fundador da referida Faculdade, a primeira de Direito no Brasil, e a segunda em antiguidade como Escola de Ensino Superior em terras de Santa Cruz.

Um dos pontos fundamentais do plano de actividades da ordem Académica de S. Francisco, consiste na necessidade de estabelecer e vincular cada vez mais a coesão de amizade entre Portugal e o Brasil através dos laços históricos e culturais que nos unem.

Esta coesão e unidade tem sido demonstrada pela larga actividade de colaboração em manifestações de diversa ordem, sessões públicas decorridas na cidade de S. Paulo, como aconteceu na realização de actos de repulsa e desagravo quando do vil ataque ao paquete Santa Maria e no assalto virulento à Índia Portuguesa.

No momento em que a juventude brasileira toma uma posição hostil a Portugal, em virtude de o nosso país querer conservar o Ultramar, razão fundamental da existência de Portugal, o Grão-Mestre da Ordem, Dr. Wilson Lopes de Almeida e chanceler sr. Francisco Straub, mais de uma vez têm afirmado as razões de Portugal, perante os seus colegas da Faculdade, assim como perante os membros da Honorífica Ordem de S. Francisco, durante várias reuniões.

Escolheu a Ordem para seu Grão-Patrono a figura dinâmica e talentosa do jovem Rei Simião II da Bulgária que muito se tem distinguido na luta contra o comunismo e, sendo exilado não abandona de forma alguma a sua Pátria nem seus súbditos.

Um jovem cuja acção intensa dispendida em prol de um ideal digno dos mais rasgados louvores tem despertado os maiores elogios e digna de admiração.

Efrem Gomes

Empregado

Com 26 anos, vindo da capital, oferece-se para qualquer ramo, tendo o 2.º ano Comercial e conhecimentos de inglês, entre Faro e Vila Real. Resposta a este jornal.

GAZETILHA

Piadas de Domingo Gordo

Domingo Gordo, a cidade,
Vive momentos de tédio,
E com laivos de saudade,
Assiste à enfermidade
Dum Carnaval sem remédio.

Tudo mudou, afinal,
Falta a alegria nas ruas.
Pra lembrar o Carnaval
Nem nota de festival,
Nem cortejo de peruas...

Pra terça-feira de Entrudo
Está em preparação
Uma farça. Mas, contudo,
Em cegadas não me iludo,
Já fui na do arrastão...

Dizem que está preparada
Para animação da grei
Uma alegre mascarada,
Com aspecto de tourada,
Ali, na Horta de Ourai.

Uma grande estudantina
Com bandeira à penderica,
Ao toque da concertina
Fará grande serrastina
À moda da Tia Anica.

No meio do arraial,
Ao toque do corridinho,
O folclore regional
Dará nota especial
No «bals» bem putadinho...

A coisa vai ser falada
E, se não falhar a lata,
Teremos festa animada,
Só falhará a tacada
Pela escassez da batata.

Não fugindo ao ritual,
Pra coroar a façanha,
Há foguetório infernal,
Chega o Rei do Carnaval
Num carro da Volta à Espanha.

Uma alegre burricada
Na conquista do copázio.
Bem posta, bem albatada,
Traz de terras de Granada,
A equipa do Ginásio.

Zé da Rua



ATLETISMO

Organizado pela Associação de Atletismo de Faro, realizaram-se no domingo passado em Olhão, várias provas de corta-mato, cujos resultados foram os seguintes:

Prova extra para aspirantes:

1.º Rogério Silva, Ginásio; 2.º Rui Carapa, também do Ginásio; 3.º Armando Colaço, Farense; 4.º Anibal Gago e 5.º Paulo Bento, ambos do Olhanense.

Participaram nesta prova 24 atletas.

Prova extra para principiantes (4.000 metros)

1.º João Rodrigues, Ginásio; 2.º José Alberto da Paz, Ginásio; 3.º António Simplicio, Olhanense; 4.º Floriano Faleiro e 5.º Manuel Beldade, ambos do Ginásio.

Concorreram mais 15 atletas.

Campeonato Regional de corta-mato — seniores (10.000 metros)

1.º João Marques Sebastião, Boa Esperança de Portimão.

TAVIRA

Prédios acabados de construir na principal Avenida, vendem-se em conjunto ou separado.

Tratar com José Joaquim Ferreira (Suc.º) — Tavira ou Lisboa - Telf. 72 43 35.



CICLISMO

Volta à Andaluzia em Bicicleta

Com a vitória do ciclista Barrutia, terminou no domingo passado a X Volta à Andaluzia, que este ano teve a presença de corredores espanhóis, suíços e portugueses, num total de 60 ciclistas, divididos por 10 equipas.

Os resultados das últimas etapas foram os seguintes:
6.ª etapa — Sevilha-Cabra
25.º Jorge Corvo, 28.º Florival Martins, 36.º José Pedro, 39.º Indalécio de Jesus e 49.º Humberto Corvo.

Granada-Málaga
27.º Jorge Corvo, 31.º Florival Martins, 33.º Indalécio de Jesus e 34.º José Pedro.

A etapa Cabra-Granada não se realizou devido ao mau tempo.
Classificação geral individual:
1.º Barrutia, Kas, 31,50,48 h; 18.º Florival Martins, 31,58,03; 20.º Jorge Corvo, 32,00,03; 33.º Indalécio de Jesus, 32,58,58; 34.º José Pedro, 33,09,16.

Classificaram-se mais 2 corredores, estes espanhóis.

Por equipas:
1.ª Baleares, 95,33,01; 8.ª Tavira, 96,57,31.
Média geral, 36,573 kms.

Campeonato Regional de Iniciados

Com partida e chegada a Faro, realiza-se hoje a primeira prova do referido campeonato, com o seguinte itinerário:

Faro, Tavira, S. Estêvão, 4 Estradas (Prego), Santa Catarina, S. Brás e Faro, num total de 74 kms. Média obrigatória — 32 kms. h.

Provas 4.º Aniversário da A. C. de Faro

Principiou no domingo passado a época de ciclismo no Algarve e a Associação de Ciclismo de Faro promoveu a realização de várias provas reservadas às categorias de Independentes, iniciados e amadores juniores.

Os resultados foram os seguintes:

Iniciados (63 Kms)—1.º Henrique Neto, 3.º Carlos Páscoa, 4.º José Carrasqueira, todos do Ginásio de Tavira.

Amadores juniores (63 Kms) 1.º Edmundo Bota, do Louletano e 2.º José Leonardo, do G. de Tavira. (Média horária 34,120 Kms.)

Independentes (112 Km) — 1.º Octávio Trinta, do G. de Tavira; 2.º Vítor Tenazinha, do Louletano; 3.º Alcide Neto, do G. de Tavira 4.º Ildefonso Bexiga, do Louletano; 5.º Joaquim Figueira, do Louletano; 6.º Manuel Machado, do G. de Tavira.

(Média horária, 34,500 Kms.)

O vencedor da prova de iniciados conquistou a taça «João Martins» oferecida pelo Ginásio de Tavira, em homenagem ao seu infelizmente e jovem corredor que foi vítima de desastre mortal quando disputava uma prova.

Vende-se

Uma casa com quintal, poço, árvores de fruto e terreno para semear, na Travessa dos Machados, 31, em Tavira e uma courela no sítio de Padre Maia.

Quem pretender dirija-se a Joaquim dos Santos, Rua da Liberdade, 12, nesta cidade.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13